



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Habilitação em Jornalismo

**Escolhi a Bahia para viver:  
perfis de estrangeiros que moram em Salvador e redondezas**

Memorial

**Dimas Novais da Silva**

**Salvador**

**2013.2**

**DIMAS NOVAIS DA SILVA**

**Escolhi a Bahia para viver:  
perfis de estrangeiros que moram em Salvador e redondezas**

Memorial

Memória do Trabalho de Conclusão de Curso  
de Graduação em Jornalismo da Faculdade de  
Comunicação, Universidade Federal da Bahia

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Tavares

Salvador 2013.2

## Agradecimentos

A Deus pela força, luz e paz em meus caminhos.

À orientação do Prof. Dr. Mauricio Tavares.

À paciência e ao apoio de meus pais.

A todas as palavras de incentivo dos amigos e familiares.

Aos “boa sorte”, “sucesso” e “vai dar tudo certo” que escutei e li durante a jornada de produção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

À compreensão e à disposição de Nicolas, Annemiek, Umáro, Faustina e Graham, personagens deste produto. Observar contextos de vidas de estrangeiros que residem no estado da Bahia foi o objetivo do trabalho produzido. A apuração feita a partir de entrevistas com os perfilados, que contaram como foi o processo de adaptação a uma nova realidade a partir da mudança de país, não poderia ter sido produzida sem o envolvimento e confiança de cada um deles.

Aos amigos que me encheram de força no caminhar deste trabalho e que, talvez sem perceber, foram importantes para esta produção, em especial a Marina Coutinho, Rafael Daltro, Lucas Scheleder, Alessandra Assis, Danilo Novaes, Andressa Novaes, Thamara Cortes, Thamiris Cortes, Lucas Novais, Igor Novais, Denielle Novais, Alana Alves, Lorena Vinturini, Semíramis Eloy, Djalma Lúcido e Vagner Alencar.

Um grande e sincero muito obrigado!

## **RESUMO**

Este memorial trata do processo de desenvolvimento do produto “Escolhi a Bahia para viver: perfis de estrangeiros que moram em Salvador e redondezas”. O trabalho de conclusão do curso de Comunicação com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Bahia é um mosaico de perfis. A linguagem empregada é o jornalismo literário, que envolve a apuração de informações através de entrevistas (com técnicas e preceitos jornalísticos) atrelada à subjetividade e à liberdade criativa da literatura. A ruptura dos padrões jornalísticos visa humanizar dados numéricos, estatísticas e situações que pareçam longe da realidade dos leitores e seduzi-los a partir de textos mais fluidos, que possam causar identificação. Além da fundamentação teórica, estão descritos também, aqui, o processo de construção deste produto e a trajetória do seu realizador.

**Palavras-chave:** Imigração; Brasil; Estrangeiros; Livro-reportagem; Perfil; Jornalismo Literário.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>TRAJETÓRIA .....</b>	<b>06</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>09</b>
2.1	Quanto à imigração no Brasil .....	09
2.2	Quanto ao gênero perfil (jornalismo literário) .....	14
<b>3</b>	<b>DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO .....</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>ANEXOS .....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>34</b>

## 1 TRAJETÓRIA

Apaixonado por escrever histórias e fotografar trivialidades, não conseguia pensar em outra área para me inserir, senão a Comunicação. No fim do ensino médio, passei no vestibular da Universidade Católica de Salvador (UCSal), em Publicidade e Propaganda. Efetuei a matrícula, mas desisti de cursar. Nem cheguei a ocupar uma cadeira. Queria mesmo aprender a escrever melhor para contar *causos* de variadas formas e entender os meios pelos quais eu poderia fazê-lo. Não havia, portanto, outro curso que fizesse brilhar meus olhos como Jornalismo. Ingressei na Faculdade de Comunicação da UFBA, então, no primeiro semestre de 2007.

Era um daqueles calouros curiosos, afoitos pelo que a academia poderia oferecer. Frequentava constantemente palestras, oficinas, seminários, entre outros eventos extracurriculares. O interesse sondava muitas áreas. É clichê, mas afirmo que me perdia entre as possibilidades para encontrar meus caminhos acadêmico e profissional. Destaco, a seguir, algumas das disciplinas cursadas que se tornaram, naturalmente, mais atraentes para mim. Também aponto as experiências profissionais que mais contribuíram para a minha formação.

No primeiro semestre, considero ter sido importante compreender o surgimento da comunicação de massa e o desenvolvimento da indústria cultural em Teorias da Comunicação, além de ter aguçado meu espírito crítico e de ter desenvolvido a fluidez textual nas minhas linhas através da Oficina de Comunicação Escrita. Ainda neste semestre inicial, integrei a Produtora Junior UFBA (PJR), empresa junior da Faculdade de Comunicação, como *trainee*.

No semestre seguinte, mudei a minha perspectiva sobre o jornalismo ao conhecer o processo de construção do gênero que permite a fruição da criatividade no universo das reportagens: o jornalismo literário. A matéria Comunicação Jornalística me fez entender a razão pela qual eu já gostava tanto de ler textos do estilo. Era a possibilidade de contar situações do cotidiano com a liberdade permitida pela literatura que me encantava desde sempre, afinal. A Oficina de Comunicação Audiovisual foi um deleite para desejos pessoais em registrar minhas próprias versões de mundo através da fotografia e do vídeo. Desenhar imagens com a luz e seus contrastes passou a ser uma das minhas maiores dedicações. Neste momento, na PJR, passei a ocupar o cargo de Gerenciador do Núcleo de Assessoria de Comunicação.

No ano de 2008, atuei como Diretor de Comunicação da empresa junior, experiência que me fez aprender um pouco sobre gestão administrativa, gestão de pessoas, comunicação corporativa, produção cultural, design gráfico e assessoria de comunicação. No segundo

semestre, dei meus primeiros passos no mercado de jornalismo através de um estágio na editoria de esportes na Tribuna da Bahia. No curso, compreender a distinção entre juízo de gosto e juízo de valor, na produção de sentido de obras consideradas artísticas e produtos de entretenimento, por intermédio da matéria Estética da Comunicação, foi importante para que eu não ficasse tão aflito em avaliações críticas de produtos culturais que realizei quando, no estágio, passei a atuar na editoria de cultura. Mas foi na Oficina de Jornalismo Impresso que pude ter meu primeiro contato prático com um ambiente de produção de reportagens quando comecei a desvendar o *modus operandi* do exercício da profissão de repórter de uma publicação impressa, por meio do Jornal da Facom. Através da optativa Oficina de Fotografia, pude ampliar meus conhecimentos técnicos e descobrir novos sentidos para as imagens. Na Oficina de Radiojornalismo, a minha identificação foi maior do que imaginava com o ambiente que transforma sons, além de palavras, em roteiro, dando vazão a cada tom dado à informação e a cada informação que o tom dá.

Em 2009, me dediquei ao estágio na Tribuna da Bahia, onde explorei o jornalismo cultural e de entretenimento por todo o ano. Em uma rotina intensa, também estudava inglês e espanhol. Nas Oficinas de Telejornalismo e Jornalismo Digital, mergulhei em outras possibilidades da profissão. Em Comunicação e Política, percebi o quanto somos influenciados pela representação da realidade composta pela mídia através da qual observamos o mundo. O jornalismo, afinal, pode ser considerado a janela da sociedade para que ela contemple o seu próprio caminhar. Apesar de me envolver nas discussões sobre escolas de pensamento que matérias teóricas exploravam, era nas oficinas que eu me identificava mais intensamente.

No mesmo ano, quando cursei a matéria Elaboração de Projeto em Comunicação, desenvolvi a ideia de uma análise de casos através dos quais eu pudesse discutir “a importância da comunicação organizacional na construção de uma carreira musical”. Este tema foi fruto da junção de duas experiências que eu recentemente tinha tido. A primeira diz respeito aos dois anos de atuação na Produtora Junior UFBA. A segunda experiência foi meu envolvimento na área de jornalismo cultural de Salvador, através do estágio de 15 meses na Tribuna da Bahia.

Neste período, também realizei *freelances* para sites como o Terra Magazine e o Bahia Vitrine, com coberturas de eventos relacionados à música, ao cinema e ao teatro. Até este momento já havia contabilizado mais de 200 horas de extensão apenas em participação de eventos da área, além de ter estado em um Encontro Regional de Comunicação (Erecom), de um Encontro Nacional de Empresários Juniores (ENEJ) e de um Intercom regional, em que apresentei um trabalho.

Mudando de redação, exerci as funções de produtor de pautas culturais e de repórter

especial do A Tarde, pelos primeiros cinco meses de 2010. No mesmo período, estava produzindo matérias avulsas para a Revista Contigo!. Deixei as duas atividades de lado, contudo, para embarcar em uma viagem de estudos fora do país. Antes de iniciar a jornada, fui premiado em um concurso de fotografia promovido pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA-Ba). Em seguida, estudei inglês e relações públicas, em Dublin (Irlanda) e fotojornalismo, em Barcelona (Espanha), em um total de 15 meses. Estes intercâmbios não tiveram relação com a UFBA. Durante a experiência, escrevi matérias sobre turismo, política e cultura para a Tribuna da Bahia e para o A Tarde. Também registrei minhas andanças em linhas e imagens em um blog pessoal, o Cenas Por Grama ([cenasporgrama.blogspot.com](http://cenasporgrama.blogspot.com)). Em Dublin, fui vencedor de um concurso fotográfico realizado pela European College of Management.

No retorno ao Brasil, em agosto de 2011, voltei a cursar a Faculdade. Matérias como Comunicação e Cultura Contemporânea e Temas Especiais em Fotojornalismo foram destaque. Esta última parecia uma extensão do que estava estudando na Espanha. Através dela, conheci mais profundamente profissionais representativos do segmento. Simultaneamente, fui selecionado para a primeira turma do Programa Jornalismo de Futuro, promovido em parceria entre a Facom e a Rede Bahia. Com o término daquela edição do projeto, fui aproveitado como estagiário de projetos especiais do Portal iBahia.

Na disciplina Desenvolvimento Orientado de Projeto, no primeiro semestre de 2012, remodelei a ideia referente ao Trabalho de Conclusão de Curso. Sob orientação do Prof. Dr. Mauricio Tavares, desenvolvi o projeto “Escolhi o Brasil para viver: livro-reportagem de perfis de estrangeiros que moram no país” inspirado nas minhas mais recentes experiências de vida.

Quando me preparava para finalizar o curso no semestre seguinte, fui recrutado por uma empresa oriental de comércio eletrônico e tranquei novamente a graduação. Desta vez, fui passar uma temporada de quase um ano da cidade de Guangzhou, no sul da China. Por lá, desenvolvi atividades de marketing digital, principalmente, mas que também envolviam comunicação organizacional, relações públicas, e-commerce, design, fotografia e vídeo. Hospedado pelo iBahia, criei um blog chamado Xing-Ling: Um Baiano na China no qual contava as minhas experiências pessoais. O diário foi retirado do ar quando retornei ao Brasil. A temporada na Ásia estava programada para durar seis meses, mas foi prorrogada por mais quatro. Iniciei minhas atividades como consultor e saí da companhia como gerente de marketing digital. Retornei a Salvador, em outubro de 2013, para elaborar o TCC, como descrevo no tópico Desenvolvimento do Produto, deste Memorial.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O corpus usado para o desenvolvimento do produto foi composto por livros, reportagens, dados oficiais de órgãos do governo federal, entrevistas, artigos e outros trabalhos acadêmicos voltados para o estudo de temas como: Jornalismo Literário, Livro-reportagem, Perfil e Imigração no Brasil.

### **2.1 Quanto à imigração no Brasil**

País com maiores índices de emigração que de imigração, segundo dados de órgãos oficiais divulgados pelo portal da revista Super Interessante (ANEXO XV), o Brasil tem registrado, entre 2009 e 2011, crescentes números estatísticos que comprovam o vertiginoso crescimento do fenômeno da imigração. Um dos portos mais seguros do mundo, atualmente, a nação tem se tornado um pólo de atração de estrangeiros. Instituições internacionais políticas e privadas têm voltado mais atenção ao país, que tem recebido fortes investimentos e vive em uma conjuntura política e econômica estável. Organizações de várias partes do planeta enxergam a possibilidade de conquistar um lugar ao sol em meio ao vasto território nacional. Tal panorama impulsiona, por sua vez, a chegada de imigrantes. O favorável ritmo da economia brasileira, atrelada à complexa crise nos países europeus e nos Estados Unidos da América, ajuda a explicar a onda migratória entre nacionalidades destas regiões. O país tem se mostrado atraente aos olhos do mundo. Os números oficiais comprovam isso através da acelerada entrada de estrangeiros aqui.

“O país atraiu 65 bilhões de dólares no ano passado, equivalente a 5% do investimento global. Há dez anos era metade disso. Os imigrantes tendem a acompanhar esse fluxo de capitais”, considera. Para além da economia, Abrão acrescenta razões políticas e culturais como a maior visibilidade internacional do país nos últimos anos”, opina o secretário nacional de Justiça, Paulo Abrão, sobre as motivações para o crescimento imigratório no Brasil, na reportagem “Liberdade de ir e vir” (CALLEGARI, CINTRA, 2012, p. 25). A publicação narra histórias de estrangeiros que residem no país e as motivações das vindas.

“Desejados e bem pagos, os estrangeiros mais qualificados vindos da Europa e dos EUA, em geral brancos e graduados, compõem o lado mais tranquilo da onda migratória para o Brasil” (CARTA CAPITAL, 2012, p 26). A reportagem segue narrando a vinda de um haitiano para o Brasil que, após passar por uma série de obstáculos, é, hoje, operário da construção civil,

em Rondônia. Em janeiro de 2012, dois anos após o trágico terremoto no Haiti, as autoridades brasileiras decidiram emitir uma quantidade especial e limitada de autorizações legais para a segura entrada da população do país. “O governo agiu para controlar o maior desses novos fluxos, o de imigrantes do Haiti que têm entrado no Brasil pela Amazônia, ao estabelecer um limite de cem vistos de trabalho a haitianos por mês,” diz uma reportagem do site da BBC Brasil (FELLETT, 2012).

Ainda segundo a reportagem da Carta Capital, o número de espanhóis no país cresceu 45% entre 2010 e 2012 e mais de 50 mil portugueses entraram somente em 2011. Reconhecendo a transformação do cenário nacional, as autoridades têm revisado constantemente a legislação brasileira para imigrantes. O documento vigente é herança da ditadura dos anos 80.

Desenvolvido pela Divisão de Pesquisas da Organização Internacional para as Migrações com o objetivo de auxiliar na construção de políticas nacionais referentes à migração no país, o Perfil Migratório do Brasil 2009 (PMB) traz um relevante resumo histórico que procura esclarecer este cenário. A obra afirma que até a década de 60 havia constantes discussões sobre os elementos a favor e contra a vinda de estrangeiros. Neste período, o governo tornou as leis mais rigorosas. “As políticas de atração de imigrantes foram, aos poucos, transformando-se em políticas de controle, que acabaram culminando em leis profundamente autoritárias e restritivas, editadas pela ditadura militar” (PERFIL MIGRATÓRIO, 2009, p.11).

“Não dá para se tornar a sexta economia do mundo impunemente. Normalmente, as pessoas saíam do país. O Brasil ficou melhor agora e as pessoas querem entrar”, declarou o ministro da Defesa, Celso Amorim, durante evento, em janeiro de 2012. O Departamento de Estrangeiros do Ministério da Justiça concorda. “Esse contexto demanda que órgãos governamentais e entidades que lidam com o tema trabalhem na elaboração e na implementação de ações visando à proteção dos direitos fundamentais aos imigrantes, com vistas à integração na sociedade, independente de nacionalidade”, divulgou o Departamento através de nota em seu site oficial (2012).

Os especialistas dizem que assim como se desconhece o número de brasileiros que residem fora do país (órgãos oficiais supõem que sejam cerca de três milhões), não se pode considerar absolutamente confiáveis as estatísticas sobre o número total de estrangeiros vivendo no Brasil (ao redor de 1,5 milhão). “Como começa a haver um fluxo maior de migração de estrangeiros, esse saldo negativo está diminuindo”, diz o geógrafo Helion Póvoa Neto, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CARTA CAPITAL, 2012, p 28). O

Brasil, aliás, já teve muito mais imigrantes: em 1940, eles representavam 3% da população. Apesar disso, o portal da revista Super Interessante publicou (em data desconhecida), na reportagem multimídia “República Imigrante do Brasil”, que o número atual de imigrantes residentes no país é o mais alto nos últimos cem anos e só pode ser comparado com o da década de 20, quando foram registrados 1.513.635 indivíduos (ANEXO V). As populações de residentes estrangeiros no Brasil, de 1890 a 2011, segundo a publicação da Super Interessante, podem ser conferidas entre os anexos II e XIV.

O Perfil Migratório Brasileiro (2009) sugere que não é uma tarefa simples desenvolver uma estimativa do número total de imigrantes no território nacional. Entretanto, dados das Nações Unidas (2009) são apresentados. Com base no censo demográfico, portanto, o número de imigrantes é subestimado – haja vista que não há dado oficial do número de estrangeiros irregulares no país. A “relação de autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros” dá conta do registro de 23.385, em 2006; 26.873, em 2007; 41.271, em 2008; 40.460, em 2009; e 37.064, em 2010 - até dia 30 de setembro (ANEXO I).

Oficialmente, o tema “imigração no Brasil” é da competência do Departamento de Estrangeiros do Ministério da Justiça. Através de dados oficiais divulgados pela assessoria do órgão, pode-se afirmar que o crescimento no número de estrangeiros residentes no país é real. O aumento foi de cerca de 60% entre 2009 e 2011, quando 961 mil pessoas de outras nacionalidades viviam em território brasileiro. Neste período, o crescimento mais significativo foi de sul-americanos. Em 2009, havia 35 mil bolivianos; hoje, são 91 mil. Os paraguaios passaram de 11 mil para 19 mil. Enquanto isso, o total de peruanos saltou de seis mil para 28 mil.

Dos 1,54 milhão de estrangeiros regulares presentes no Brasil, atualmente, a nacionalidade mais numerosa é a portuguesa, com 331 mil cidadãos. Em seguida, estão os japoneses (132 mil), depois estadunidenses (98 mil), italianos (97 mil), bolivianos (91 mil), espanhóis (82 mil) e argentinos (66 mil). O número total não chega a representar 1% da população brasileira. Uma realidade diferente de outros lugares, como a Argentina, com cerca de 5% de estrangeiros, e de alguns países europeus, onde esse percentual chega a 25%. Mas deve-se perceber que enquanto os contextos sociais, políticos e econômicos de nações da Europa são sedutores há algumas décadas, o Brasil somente conseguiu elevar sua imagem nesses cenários há menos de uma década.

Quanto à naturalização, procedimento em que o estrangeiro é reconhecido como um habitante nacional, o Ministério da Justiça a concedeu a 1.056 pessoas, apenas em 2009. No

ano seguinte, foram 2.116 e, em 2011, outros 1.119 estrangeiros foram naturalizados. Os que mais requerem a naturalização brasileira, atualmente, são nacionais do Líbano, China e de países do MERCOSUL, em geral.

A Lei n. 11.961/2009 estabeleceu a possibilidade de concessão de residência provisória aos estrangeiros que entraram no Brasil até 1º de fevereiro de 2009 e estavam em situação migratória irregular, ou seja, ofereceu-lhes anistia. A medida regularizou a vida de mais de 45 mil imigrantes, beneficiando principalmente bolivianos, chineses, peruanos, paraguaios e coreanos. Entretanto, apenas 18 mil (cerca de 40%) conseguiram, de fato, residência permanente no país até o fim de 2011 – último período divulgado oficialmente. A concessão de residência permanente é dada depois de uma temporada de dois anos comprovados de trabalho legal no país, entre outros requisitos. Após quatro anos dessa residência, é permitido o direito de requerer naturalização. Entre os que solicitaram residência permanente, em 2011, 44% (7.942) têm entre 19 e 30 anos e cerca de 11 mil (61%) são do sexo masculino. As estatísticas apresentadas só existem a partir de 2009. Números anteriores são apenas estimativas, segundo o Ministério da Justiça.

Segundo reportagem publicada no site da Tribuna da Bahia (ANDRADE, 2011), nos anos de 2009 e 2010, o Nordeste e o Centro-Oeste voltaram a atrair mão de obra estrangeira ultrapassando o crescimento no eixo Rio-São Paulo. “Nessas regiões, a presença de trabalhadores importados cresceu 134% e 48%, respectivamente. No Nordeste, nos primeiros seis meses do ano (2011), a quantidade de mão de obra importada já supera a de 2010.”

Dados do Ministério da Justiça, divulgados pelo site da BBC no Brasil, (FELLET, João. 2012) revelam aumento considerável, ainda que sobre uma base pequena, na chegada de imigrantes de países da Ásia Meridional e da África. “Em 2009, havia 2.172 indianos vivendo regularmente no Brasil. Em junho de 2011, o número saltou para 2.639. No mesmo período, a quantidade de paquistaneses no país passou de 134 a 216, e a de bengalis (oriundos de Bangladesh), de 64 a 109. O Ministério da Justiça também detectou aumento na chegada de africanos de várias nacionalidades.” É importante lembrar que os números reais devem ser maiores já que nem todos os imigrantes se regularizam. “Além disso, boa parte dos estrangeiros provenientes de países em conflito (como paquistaneses, afegãos e somalis) obtêm status de refúgio no país e não entram na conta, uma vez que o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) não divulga a quantidade de pedidos de refúgio atendidos por nacionalidade.”

“O Brasil de oportunidades”, expressão que tanto a mídia tem citado, encanta. Embora com um tímido cenário de imigração diante de contextos de potências consideradas de 1º

mundo, muitos caminhos de emigrantes do século XXI tiveram como rumo o único país lusófono da América do Sul. A recente crise financeira da Europa e o crescimento econômico brasileiro, já citados, impulsionaram um fenômeno social que não se percebia há pelo menos sete décadas (ANEXO XV). São variados os níveis de escolaridade, os países de origem e os idiomas nativos, por isso é difícil traçar um perfil do estrangeiro que vive no país. Com o Brasil como anfitrião de eventos, como a Copa do Mundo da FIFA de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, a visibilidade positiva da nação cresce. Com tempos de instabilidade social, econômica e/ou política em países próximos ao Brasil, esse quadro se intensifica, como é o caso do Haiti. "Entendemos que o país vem crescendo e gerando empregos, oportunidades. Estamos monitorando permanentemente a situação, mas por ora não há motivo para alarde," considera Paulo Sérgio de Almeida, presidente do Conselho Nacional de Imigração (Cnig) (FELLET, 2012).

Augusto Puliti, consultor de Recursos Humanos, afirma que a quantidade de emails, contatos e currículos de estrangeiros em busca de vagas de emprego quadruplicaram nos últimos cinco anos. "Posso dizer que durante o ano passado eu devo ter recebido algumas centenas de contatos de profissionais querendo vir pra o Brasil, querendo se mudar pra o país, das mais variadas idades, e de brasileiros que querem voltar ao Brasil." Segundo ele, é um mix de profissionais: homens e mulheres de várias áreas de atuação e nacionalidades diferentes (TV Web Repórter Justiça, 2012).

Eles podem, um dia, retornar à sua terra-natal ou seguir para outra pátria e ter no Brasil apenas uma parada no contínuo fluxo migratório. No contexto contemporâneo de mudanças constantes, de fluidez das influências econômicas, sociais, políticas e tecnológicas no cenário global, é difícil prever os terrenos mais favoráveis de atração de estrangeiros nas próximas décadas. Ficando muito ou pouco tempo, contudo, eles ajudam o país a olhar para si próprio de um jeito diferente, o que pode gerar reflexões sobre a realidade da sociedade. Além disso, eles somam novos elementos à identidade cultural do país. Em um caldeirão formado por tantas raízes, culturas, ritmos e sabores, juntar mais tempero não parece ser difícil. Mas será mesmo que os estrangeiros são bem recebidos e se integram com facilidade ao povo brasileiro?

O Brasil, a todo o momento, anuncia (seja oficialmente ou através dos fatos divulgados pela mídia) mudanças no tratamento dos estrangeiros em território nacional. A rigidez das normas impostas no período ditatorial dá vez a uma maior abertura e aceitação. Muitas vezes, tal conduta é baseada no Princípio da Reciprocidade, guia da relação entre Estados, assegurado pelo Direito Internacional Público, que, segundo definição da Organização dos Estados

Americanos (OAS), consiste em permitir a aplicação de efeitos jurídicos em determinadas relações de Direito Internacional, quando esses mesmos efeitos são aceitos igualmente por países estrangeiros. Ou seja, estrangeiros podem ser tratados em um país assim como indivíduos desta nação são tratados nas terras destes sujeitos. Enquanto isso, países europeus seguem cada vez mais severos no cumprimento de formalidades de recepção e, motivada pelo alastramento do caos da crise econômica, a xenofobia aumenta. O tratamento digno humanitário é um direito universal. Mas, como os estrangeiros estão sendo tratados por aqui? Como é a vida deles no solo brasileiro? Como é o difícil recomeço de quem saiu de uma zona de conflito? O que essa gente de fora sente ao se deparar com um país tão vasto, rico culturalmente e famoso pela noção de estereótipo em ter um povo alegre no modo de ser e de viver? E, enfim, por que a Bahia?

## **2.2 Quanto ao gênero perfil (jornalismo literário)**

A notícia é a forma básica de informar utilizada pelos jornalistas. Sua extensão é chamada de reportagem (gênero jornalístico) e, por excelência, é a forma-narrativa do veículo impresso (SODRÉ, FERRARI, 1986). “Embora a entrevista, sobretudo o perfil, possa também, às vezes, assumir uma forma-narrativa” (1986, p. 94). O “namoro” entre o jornalismo e a literatura pode gerar frutos como a grande reportagem que, por sua vez, pode ser aprofundada e originar o livro-reportagem. Tal gênero fez parte essencial na ideia embrionária do produto do qual este memorial trata. Por isto, ele também será objeto de análise teórica. Levando em conta o objetivo da obra e a natureza do tema tratado, considera-se que o produto em questão refere-se a uma compilação de perfis.

Para os autores Sodré e Ferrari (1986), “o livro-reportagem pode ser a simples compilação de textos já publicados em jornal (que mantenham uma organicidade temática ou narrativa) ou o trabalho feito para livro, mas concebido e realizado em termos jornalísticos”. O autor Edvaldo Pereira Lima (2004) diz que esta classificação concerne ao que aborda a vida de um ou mais personagens de forma exaustiva, colocando-os sempre no centro da narrativa. Tem a função de ir além de informar como o jornalismo impresso faz rotineiramente e cobrir vazios deixados pela imprensa, permitindo uma maior compreensão da realidade pelo leitor.

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios

de comunicação jornalística. Esse grau de “amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos – quer no aspecto extensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores (LIMA, 1995, p.26).

Apesar disso, outras duas definições de Lima (1995) podem ser levadas em conta por aproximarem-se do objetivo inicial deste produto – caso fosse compilado em um livro-reportagem. Uma é chamada de livro-reportagem instantâneo (ou livro-reportagem atualidade) e volta-se para temas atuais preocupando-se, entretanto, com a perenização dos mesmos. A segunda é o livro-reportagem-ensaio que privilegia a narrativa em primeira pessoa para apresentar a visão do autor sobre determinado fato. Um conceito chave utilizado por Carlos Antônio Roger Ferreira Júnior (2003) é o de livro-reportagem como ruptura ou como alternativa de organização e divulgação de informações jornalísticas que não têm espaço na mídia tradicional. Os conceitos coincidem com a construção dos perfis deste produto, apesar deles não terem sido reunidos em forma de livro.

Citando autores como Gabriel Garcia Marques, Ernest Hemingway e George Orwell, Sodré e Ferrari (1986) afirmam que “Homero é o primeiro repórter de que temos notícia” e analisam os nomes importantes do país na produção de livros-reportagens.

No Brasil, Os sertões, de Euclides da Cunha, talvez seja nosso primeiro livro-reportagem; as crônicas de João do Rio fornecem ao leitor de hoje, não só a visão do Rio Antigo, como também o estilo jornalístico da época. Isso sem falar em Machado de Assis (SODRÉ, FERRARI, 1986, p.94).

Tal gênero é construído a partir de ferramentas jornalísticas no que tange à linguagem e também à forma (uso de títulos, subtítulos, intertítulos, ilustrações, chamadas, etc.). É notável que a classificação de um livro-reportagem em um subgênero acontece de acordo com o entendimento de cada autor, seguindo seus preceitos e opiniões. Mas o que parece ser senso comum é a gloriosa possibilidade de deixar as janelas da escrita abertas para que a criatividade possa entrar como vento que bagunça os papéis. Assim, o autor tem liberdade para arrumar as páginas experimentando ordens diferentes de capítulos, cenários, falas, contextos e textos. É a abertura para a sugestão de novas sugestões. Sobre a qualidade final de uma obra assim, Sodré e Ferrari (1986) opinam: “vai da parcamente superior à imprensa cotidiana àquela que beira as

raias da arte, significando, nesse último caso, um tratamento que transcende esteticamente os trabalhos produzidos até então”.

A fluidez de um texto jornalístico é essencial para cativar o leitor e prender-lhe a atenção da primeira à última linha. O trânsito de uma passagem para outra deve ser suave, com “ritmo, cadência, um pulsar característico, exatamente para combater o ruído da dispersão” (SODRÉ; FERREIRA, 1986, p 145). Os recursos da literatura oferecem essa possibilidade. Deixam o texto jornalístico mais fluído e abrem caminhos para a compreensão do contexto que contorna a notícia, ampliando, conseqüentemente, o entendimento da situação – o que os jornais impressos raramente fazem. “As reportagens (convencionais dos periódicos) ficam presas aos acontecimentos, ao factual, não abordando as questões contundentes que conformam os acontecimentos” (LIMA 2004). A literatura dá brecha também para ideias de novas pautas, oferece vazão à criatividade.

Cremilda Medina (1986) acredita que o aprofundamento que certas situações exigem não é levado a sério nas rotinas de redação e trazem conseqüências cíclicas e viciosas. “Assim, por exemplo, na falta de imaginação (criação), uma das fontes mais comuns de pauta é a seleção de assuntos já publicados em outros veículos.” Para Lima (2008), o livro-reportagem pode almejar um papel maior no segmento do jornalismo: contribuir para o conhecimento aprofundado da contemporaneidade.

Os ângulos encontrados pelo jornalismo informativo atual levam em conta o interesse coletivo da maioria. É evidente a “preocupação em corresponder a um 'gosto médio' ou, em outros termos, em embalar a informação com ingredientes certos de consumo” (MEDINA, 1986). Falta ousadia. Características primárias do jornalismo são asseguradas no livro-reportagem (SODRÉ, FERRARI, 1986), como a busca do aprofundamento na cobertura da realidade. Para a otimização desse caminho é indicado um acompanhamento de cada etapa da elaboração da reportagem – pauta, captação, redação e edição.

O jornalismo literário pode ser denominado de literatura da realidade e de literatura de não ficção. Independente da denominação, contudo, ele foge de fórmulas rígidas de estruturação. Tratando de estratégias textuais, é relevante apontar que a presença de lead e sublead não cabe no perfil. Tê-los como regra seria um desatino, uma oposição à liberdade da escrita literária. “Somente em colunas opinativas permite-se o uso da primeira pessoa no jornalismo hoje em dia. Creio que é uma maneira utópica e intransigente de pretender que o narrador inexista. E de querer padronizar” (VILAS BOAS, 2003, p. 10). Outra estrutura clássica desnecessária no gênero em questão é a famosa pirâmide invertida em que as

informações são dispostas, invariavelmente, na ordem: primeiro fato principal, segundo principal, terceiro e assim por diante. Tal objetividade não cabe aqui. O ato de retratar um sujeito em si é subjetivo, o que em nada desencoraja a busca pela verificação dos fatos ou a apresentação destes tais quais foram observados.

Não opinar, mas interpretar e realizar analogias que se justifiquem em exposições claras. Para tal fim, a liberdade do jornalismo literário é experimentada no produto supracitado. Um dos “pais” do Novo Jornalismo (corrente criada em 1960, nos Estados Unidos), Tom Wolfe (2005), apresenta quatro recursos para a narrativa literária (não apenas referentes ao perfil): cena a cena, diálogos, descrições e pontos de vista alternativos. Não obstante o fato de que elementos essenciais do jornalismo não devem ficar de fora, informações secundárias, cotidianas, linguagem simples e a desmistificação antecipada de qualquer possibilidade de construção de estereótipo podem permitir uma maior fruição e identificação com o texto por parte do leitor. Afinal, pretende-se contar histórias interessantes de vidas que se constroem nos seus contrapontos, nas suas contradições e decisões – que podem ser consideradas acertadas ou errôneas a depender do julgamento posterior do leitor.

Quando prima pela humanização, com tudo o que isso implica, o texto-perfil é irresistível. Humanizar não é um mistério, não. O primeiro passo para humanizar é evitar pensamentos binários do tipo 'santo ou demônio', 'algoz ou vítima', 'melancólico ou eufórico' (VILAS BOAS, 2003, p. 16).

Segundo Vilas Boas (2003), os perfis cumprem um relevante papel, o de gerar empatia no leitor a partir da preocupação com a experiência do outro. “A tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias do outro; compartilhar as alegrias e tristezas do outro; imaginar as situações do ponto de vista do outro” (VILAS BOAS, 2003, p. 19). Os perfis fazem um convite ao leitor. Que ao invés de formular hipóteses, ele embarque no universo dos personagens sem idealizações e que desvende sua personalidade ao passo que conhece suas rotinas, hábitos, peculiaridades, etc.

Os bastidores da matéria tanto quanto as impressões pessoais do autor sobre a personagem são relevantes. Para a revista Realidade, que circulou entre 1966 e 1976, no Brasil, tal estilo era primordial. Com focos narrativos definidos, a publicação abordava temas polêmicos através da grande reportagem. A publicação surgiu como desafio para a linguagem jornalística em um momento em que se discutia a necessidade de ir além das informações e

dados convencionais já que a realidade era complexa e exigia uma maior explanação sobre fatos políticos, esportivos, musicais ou de qualquer outra editoria. A emoção era presente nas linhas e conduzia o leitor ao fato e seus detalhes, minúcias que tornavam os textos diferenciados. É importante ressaltar que apesar do apelo literário, as produções eram resultado de investigação e pesquisa de campo assim como os meios jornalísticos convencionais. Considerada uma divisora de águas na imprensa brasileira, inspiração para o jornalismo literário do país, a revista se transformou em uma publicação informativa “comum” com o passar dos anos, contudo, sem dar vazão ao jornalismo literário como outrora. “Talvez não exista na trajetória da imprensa brasileira, outro exemplo de mergulho tão intenso e apaixonado nas águas envolventes do jornalismo literário quanto Realidade. O jornalismo de Realidade exibe características interessantes, comparáveis às do *new journalism*” (FARO, 1999, p. 35).

Descrever particularidades de interesse universal, hábitos, jeitos e situações que possam despertar curiosidade. Destrinchar dramas humanos que incitem a reflexão. Não importa a extensão da problemática para a sociedade, para a comunidade em que o personagem está inserido ou mesmo para sua família, o desenrolar de sua vida deve ser interessante por si só. “Na imprensa convencional, os espaços para os personagens são dados a partir da dimensão dos seus feitos sempre ratificados pelos *mainstream*. Definida a pauta, esqueça a performance de seu personagem. Apenas ouçam que o sujeito tem a dizer.” (VILAS BOAS, 2003, p. 15).

Como já dito, textos cercados de detalhes relevantes e de subjetividade são escassos no mercado jornalístico. Jornais e revistas utilizam-se de técnicas para deixar os textos frios e objetivos - nada densos. A imaginação do repórter é, assim, castrada. Ao seguir um padrão, o profissional da escrita tem podada a possibilidade de contar uma situação com mais leveza, imaginação e até com um certo tom de lirismo. O modelo de jornalismo atual não permite matérias extensas. Perfis são geralmente longos para tal padrão. Textos densos em linguagem criativa não são, entretanto, necessariamente longos. E é sim possível escrever editoriais com reportagens em tons literários. Revistas brasileiras como Piuái, Trip e Rolling Stones, de modos diferentes entre si, são alguns dos raros representantes nacionais do estilo que consegue unir a informação à criatividade da literatura.

Os espaços de jornais e revistas estão cada vez mais disputados por avalanches de informações fragmentadas e por uma competição brutal em torno de formatos praticamente idênticos. Fica a impressão de que os veículos tentam se diferenciar apenas para que, no fundo, permaneçam iguais. O resultado disso é a ênfase nas

pílulas de informação em detrimento dos 'textos para guardar' (VILAS BOAS, 2003, p. 11).

O perfil é classificado como um gênero jornalístico. Sem o teor literário, no entanto, o perfil não hipnotiza (VILAS BOAS, 2003). Apesar disso, os padrões jornalísticos atuais não englobam alternativas, como os perfis, para oxigenar a frigidez da prática convencional – um possível reflexo de nossa época.

Artifícios contra a superficialidade do jornalismo são apontados por Lima (2004). Narração, descrição, exposição, funções de linguagem, técnicas de angulação, pontos de vista e técnicas de edição são estratégias narrativas observadas como propostas para se ampliar o alcance da reportagem. Parte delas está de acordo com o que Tom Wolfe (2005) afirma. Em destaque, a narração diz respeito aos elementos centrais (acontecimento em si e eventos paralelos) produzidos com intensidade (ressonância emocional das situações) e descrição do ambiente (detalhamento do espaço em várias nuances). Sobre o ponto de vista do narrador, Lima diz que ele pode sair da tradicional zona de onisciência neutra para a onisciência intrusa, acompanhando e participando dos acontecimentos.

Lima (2004) propõe também uma reflexão sobre técnicas para aprofundar as três etapas para a construção de um livro-reportagem: pauta, apuração e redação. Algumas delas foram consideradas na produção dos perfis dos quais este memorial discorre. Na parte chamada de “a extensão pela pauta”, foi levada em conta a liberdade de angulação, do eixo de abordagem e de propósito. No que tange a “complementação pela captação”, foram importantes as entrevistas de compreensão, as histórias de vida e a observação participante. E quanto “a fruição pelo texto”, descrição, angulação e edição.

Nos limites do império dos fatos com o jardim da imaginação, o romance-reportagem constrói o seu lugar como um gênero híbrido. Reunindo nessa condição de gênero a força política do jornalismo com a força política da literatura, o romance-reportagem demanda que se aceite a fronteira não como limite, barreira, separação, mas sim como um território de trânsito, espaço de contato, lugar de suspensão e negociação de identidades. Do mesmo modo, requer que a contaminação das fronteiras do jornalismo com a literatura por ele proposta seja considerada como um modo legítimo de atribuir sentido e organizar a experiência em narrativas que interpretam e traduzem o que somos e o mundo em que vivemos (...) (COSSON, 2001, p.17).

Eis algumas definições do termo “perfil”. Steve Weinberg, o denomina como biografia de curta duração (“short-term biography”). Oswaldo Coimbra (1993) diz que é uma reportagem narrativo-descritiva de pessoa. Sem fugir do preceito de que o jornalismo trata sobretudo de conflitos, os perfis da obra produzida foram edificados a partir de situações de mudanças de nação. “A definição do conflito é primordial para a noticiabilidade de alguma situação, afinal, o “conflito é a célula básica do drama, a matriz” (SODRÉ, FERRARI, 1986, p. 45). É esta divergência que pode envolver uma interação do homem consigo mesmo, com outros homens, com a natureza.

### 3 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

Ao me relacionar com bastante interesse pelos assuntos “jornalismo de viagens”, “turismo” e “migração”, o processo de construção do tema deste produto aconteceu de forma espontânea. A ideia de escrever perfis de estrangeiros que vivem na Bahia se originou, da busca de um tema que pudesse envolver os tópicos citados mais “jornalismo literário” e “Brasil”. No primeiro momento, a ideia era desenvolver uma grande reportagem sobre os brasileiros que vivem na Irlanda.

À época, no ano de 2010, estava em intercâmbio no país europeu quando pude perceber a imensa quantidade de conterrâneos que passavam temporadas de estudo e/ou trabalho na capital, Dublin. Contudo, havia um notável número de brasileiros (oriundos de Anápolis, em Goiás) que vivia em uma cidade chamada Gort, no interior, desenvolvendo atividades em um frigorífico local. A região passou a ser chamada de “pequeno Brasil”. Desenvolver perfis de brasileiros, muitos de baixo nível de escolaridade, que trocaram a terra-natal pela Irlanda parecia ser uma ideia bem interessante. No entanto, pesquisando melhor o tema, constatei que já havia uma quantidade (com notável qualidade) de trabalhos acadêmicos e reportagens da imprensa brasileira, irlandesa e inglesa sobre o assunto.

Em agosto de 2011, voltei ao Brasil sem encontrar um gancho até então inexplorado sobre a questão que pudesse sustentar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Após ter viajado por alguns países do continente europeu, tinha certeza de que as palavras-chave de meu projeto ainda seriam as citadas inicialmente. Entretanto, segui o caminho inverso do que estava buscando e pesquisei reportagens e trabalhos acadêmicos que versassem sobre a presença de estrangeiros no Brasil. Nessa busca, percebi que a mídia estava pautando o tema cada vez mais, mas a academia ainda não. Foi então que, sob orientação do Prof. Dr. Mauricio Tavares, cursei a disciplina Desenvolvimento Orientado de Projeto, e decidi me debruçar sobre o tema “Escolhi o Brasil para viver: livro-reportagem de perfis de estrangeiros que moram no país”.

O semestre 2011.2, todavia, foi interrompido pela viagem à China. No retorno ao Brasil, em meados de outubro de 2013, voltei exclusivamente para me dedicar ao TCC. Na disciplina anterior, já havia produzido uma pesquisa teórica sobre o tema, tanto no que concerne ao jornalismo literário, quanto ao que diz respeito ao fluxo migratório brasileiro (com o intuito de justificar e embasar a importância do tema a ser tratado). Precisava, então, revisá-la, atualizá-la e me empenhar na construção do produto: a parte prática do trabalho. Por escassez de recursos financeiros e de tempo bastante para entrevistar personagens por outros cantos do Brasil, então,

delimitei o projeto à Bahia e, mais tarde, a Salvador e redondezas. Também não havia tempo hábil para um livro ser escrito, editado e publicado. Decidi que faria uma coletânea de perfis para resultar em um trabalho mais consistente face à delimitação mais realista.

Seguindo, contatei quase 70 estrangeiros que viviam no Estado. Para cerca de metade, enviei uma lista de perguntas básicas para que pudesse obter informações precisas que me fizessem selecionar os, então, 10 perfilados. Esta etapa se estendeu excessivamente, por quase um mês. Sob orientação do Prof. Mauricio, diminuí para a metade o número de personagens a compor o produto com o objetivo de me aprofundar mais na vida de cada um dos cinco e para que pudesse ter tempo suficiente para fazê-lo com qualidade. A intenção era encontrar sujeitos que deixaram outro país para residir no Brasil e que, de alguma forma, tenham parado na Bahia sem data de retorno. Eles precisavam ser imigrantes (legais ou não), não turistas.

As perguntas iniciais, enviadas por e-mail, foram:

- 1) Em que cidade e país você nasceu? Qual é a sua nacionalidade?
- 2) Qual é a sua idade?
- 3) Qual é a sua profissão? Em que áreas desenvolve atividades profissionais e/ou voluntárias?
- 4) Porque você deixou o seu país de origem? Porque veio ao Brasil? E, finalmente, porque a Bahia?
- 5) Já havia se mudado antes para outro país? Se sim, quais?
- 6) Pretende retornar ao seu país de origem ou viver em outra nação? Por quê?
- 7) O que sentiu ao deixar seu país ou outro lugar onde estava antes? Estava feliz? Quais eram as expectativas?
- 8) Quais foram suas primeiras impressões sobre o Brasil? E como foi sua adaptação aqui?
- 9) Gosta de viver, aqui, atualmente? Por quê?
- 10) Fala português fluente? Que outros idiomas?
- 11) Tem filhos? Se sim, são de que nacionalidade?
- 12) O que costuma fazer nas suas horas vagas?
- 13) Tem contato com outros estrangeiros no país? Se sim, de onde eles são?

Em meados de dezembro, comecei a realizar as entrevistas pessoalmente. Todas tiveram os áudios gravados. Para as conversas, sempre permitia que os estrangeiros escolhessem os locais. Assim, eles poderiam ficar um pouco mais à vontade já que não me conheciam e iriam revelar a intimidade de suas vidas para mim.

Foram dez gringos entrevistados, já que algumas das conversas não renderam o quanto as minhas expectativas esperavam. Destes, cinco foram escolhidos para serem perfilados. No

geral, realizei pessoalmente duas entrevistas com cada um, além de ter ligado para alguns a fim de tirar pequenas dúvidas. Dava sempre prioridade a encontros pessoais para esclarecer pormenores já que conversas cara a cara são sempre mais ricas.

Os personagens têm origens e histórias de vida bem distintas. Cada um apresenta alguma situação de vida forte o bastante para ser o fio condutor de grande parte do perfil. Tais focos narrativos só puderam ser definidos durante as entrevistas pessoais já que estes eram constatados a partir do modo como cada um os relatava minuciosamente. Neste caminho, entretanto, houve muito cuidado em cada etapa da elaboração da reportagem (pauta, apuração, redação e edição) já que a essência de cada perfil precisava estar evidenciada claramente. A seguir, faço uma breve síntese que justifica a escolha de cada personagem.

#### Quilômetros de tranquilidade – Perfil de Annemiek

A holandesa Annemiek, única com a qual já tinha realizado uma entrevista pessoalmente no ano de 2012, consegue conciliar sua vida de produtora de TV pelo mundo com a pacata vida na localidade de Diogo, no litoral norte da Bahia, município de Mata de São João, onde possui uma pousada. A loura caiu de amores pelo Brasil na primeira vez em que veio aqui, a passeio. Na segunda jornada, se encantou com as pedras preciosas que conheceu e seus baixos preços. Na terceira visita ao país, a paixão ficou por conta de um baiano que cruzou seu caminho e dele não mais saiu. Oficialmente casados há cinco anos, eles têm um filho de três anos de idade.

#### Sonho real e mítico – Perfil de Nicolas

Bem-humorado e apaixonado pelo Brasil em um nível como nenhum outro estrangeiro entrevistado demonstrou ser, Nicolas começou a morar no país paulatinamente. Foi arrebatado já em sua primeira temporada como turista. Na segunda vez, começou a tocar um projeto de produção de um guia em alemão sobre a sua pátria de coração. Uma década depois, continua no ramo. Ele conta que, certo dia, acordou de um sonho com uma voz lhe dizendo que viesse ao país. Ele a ouviu, veio e não pensa mais em sair.

#### Vida em Crioulo – Perfil de Umaro

Sem oportunidade para estudar o que gostaria na Guiné-Bissau, seu país de origem, Umaro foi aceito pelo governo brasileiro para cursar uma graduação por aqui. No último semestre de Letras da Uneb, o jovem, apaixonado por literatura, sonha em voltar ao seu país e fazer diferença no tumultuado cenário social, político e econômico em que a nação se encontra.

A fé em dias melhores lhe move e o faz superar a doída distância de sua terra.

#### Fazendo arte do Uruguai à Bahia – Perfil de Faustina

Ela dança tango, faz malabares, pratica acrobacias, joga capoeira e ainda surfa. De alguns desses prazeres, Faustina tira seu sustento. Formada em filosofia, já estudou administração e tem um filho baiano de três anos. Odeia pagode e ainda mais os vizinhos pagodeiros. Critica também a repressão sexual e o comportamento machista. De carona em carona, a uruguaia chegou à Boca do Rio. A Bahia, hoje, é sua lona. Amanhã, a artista não sabe.

#### Contando os dias – Perfil de Graham

É enorme a falta de identificação deste canadense com Salvador. Morando na capital baiana desde 2011, ele não consegue se adaptar à comida, ao trânsito, ao idioma, nem às pessoas. Casado com uma estudante baiana de medicina, ele não vê as horas de rumar para outro canto do mundo. Viajante nato, já passou 10 meses na África e é membro do CouchSurfing, site que promove a troca de hospitalidade e que mudou a sua vida.

O título do produto “Escolhi a Bahia para viver: perfis de estrangeiros que moram em Salvador e redondezas” sugere o gancho que conecta todos os personagens e justifica suas escolhas como protagonistas das narrações. Mesmo que alguns deles tenham vindo para o Estado ou permanecido aqui em face das circunstâncias que os envolviam, nenhum foi obrigado a tomar essa decisão. Ou seja, eles escolheram a Bahia como moradia. A partir da ideia de que o perfilado não deve necessariamente ter concretizado grandes realizações, cada um foi selecionado pelos caminhos percorridos na escolha de habitar neste país.

No produto em questão, certos aspectos das vidas dos personagens perfilados são enfatizados. Diferentemente das biografias, que abrangem em detalhes os pormenores das situações, aqui apenas os fatos que tiverem relação com o tema do projeto justificarão presença. Os recortes envolvem as situações de influência direta ou indireta na vinda do sujeito ao Brasil.

Um mosaico harmônico de situações, falas e observações foi constituído em cada texto, que conta com descrições psicológicas, físicas, de espaço, de tempo, entre outras. Na composição das produções, quatro recursos da narrativa literária (não apenas referente ao perfil) foram explorados: cena a cena, diálogos, descrições e pontos de vista alternativos. Cortes narrativos foram necessários, mas sempre aparecem encadeados mesmo em mudanças de tempo, cenário, contexto, etc.

Nas narrações, há oportunidade para que o leitor embarque no universo dos personagens sem idealizações e que desvende as personalidades de cada um ao passo que conhece rotinas, hábitos e peculiaridades. Os bastidores da produção, tanto quanto as minhas impressões como autor sobre os perfilados, são relevantes, pois conectam ainda mais o leitor à trama narrada. Assim, o narrador existe explicitamente em 1ª pessoa. Apesar disso, as ressonâncias emocionais das situações não são fios condutores para influenciar opiniões, mas campo de observação para que quem leia as narrativas se relacione com elas.

A escolha do perfil literário como forma de apresentar as vidas estrangeiras se deu pela possibilidade de retratar personagens sem que dados numéricos ou informações factuais temporais sejam gancho. Cada vida é contada por sua fascinante possibilidade de encantar outras. Quem nunca pensou em deixar a sua nação em busca do novo? Frustrações, desafios, conquistas e adaptações dos perfilados podem surpreender enquanto informam como o país é visto pelo mundo, como os estrangeiros são tratados aqui e de que maneira eles tratam o Brasil. Documentar perfis de vidas de fora também pode ser importante na catalogação de histórias de imigração no território brasileiro. Tais perfis expõem fatos que podem dialogar (em confronto ou não) com informações estimadas por pesquisas oficiais estatísticas. As nuances do comportamento e da fala de cada personagem explicam por si só porque eles escolheram a Bahia para viver.

## 4 ANEXOS

### ANEXO I

 					
<b>Gabinete do Ministro - GM</b> <b>Coordenação Geral de Imigração - CGI</b> <b>RELAÇÃO DE AUTORIZAÇÕES DE TRABALHO CONCEDIDAS A ESTRANGEIROS</b> Atualizado até 30/09/2010.					
<b>GÊNERO</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Masculino	23608	26471	39551	39119	35493
Feminino	1832	3017	4442	3795	3564
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>25440</b>	<b>29488</b>	<b>43993</b>	<b>42914</b>	<b>39057</b>
<b>SÍNTESE POR CATEGORIA</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Permanentes	2055	2615	2722	2454	1993
Temporários	23385	26873	41271	40460	37064
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>25440</b>	<b>29488</b>	<b>43993</b>	<b>42914</b>	<b>39057</b>
<b>SÍNTESE POR PRAZO DE CONCESSÃO (TEMPORÁRIOS)</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Até 90 dias	10110	11305	13713	12423	11770
Até 01 ano	3626	5803	14245	12028	10514
Até 02 anos com contrato de trabalho no Brasil	2236	2009	2339	2578	2766
Até 02 anos sem contrato de trabalho no Brasil	7413	7756	10974	13431	12014
<b>TOTAL POR PRAZO</b>	<b>23385</b>	<b>26873</b>	<b>41271</b>	<b>40460</b>	<b>37064</b>
<b>ANÁLISE DE AUTORIZAÇÕES PERMANENTES</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Investidor pessoa física	1033	1336	1357	921	642
Administradores, diretores, gerentes e executivos com poderes de gestão e concomitância	828	891	957	933	952
Outros	194	388	408	600	399
<b>TOTAL DE PERMANENTES</b>	<b>2055</b>	<b>2615</b>	<b>2722</b>	<b>2454</b>	<b>1993</b>
<b>ANÁLISE DE AUTORIZAÇÕES TEMPORÁRIAS</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Estrangeiro para trabalho a bordo de embarcação ou plataforma estrangeira	7405	7756	10974	13371	11943
Estrangeiro na condição de artista ou desportista, sem vínculo empregatício	5009	6366	7420	6617	6601
Assistência Técnica por prazo até 90 dias, sem vínculo empregatício.	5083	4939	6293	5806	5157
Assistência técnica, cooperação técnica e transferência de tecnologia, sem vínculo empregatício	2543	2538	4675	3238	3992
Especialista com vínculo empregatício	2060	1879	2301	2460	2697
Marítimo estrangeiro empregado a bordo de embarcação de turismo estrangeira que opere em águas brasileiras	841	2943	8967	8354	5919
Outros	444	452	641	614	755
<b>TOTAL DE TEMPORÁRIOS</b>	<b>23385</b>	<b>26873</b>	<b>41271</b>	<b>40460</b>	<b>37064</b>
<b>PEDIDOS DE PRORROGAÇÃO DE ESTADA E TRANSFORMAÇÃO DE VISTOS</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Prorrogações de Estada	3091	3005	3130	3742	5529
Transformações de visto	341	253	350	227	278
<b>TOTAL</b>	<b>3432</b>	<b>3258</b>	<b>3480</b>	<b>3969</b>	<b>5807</b>

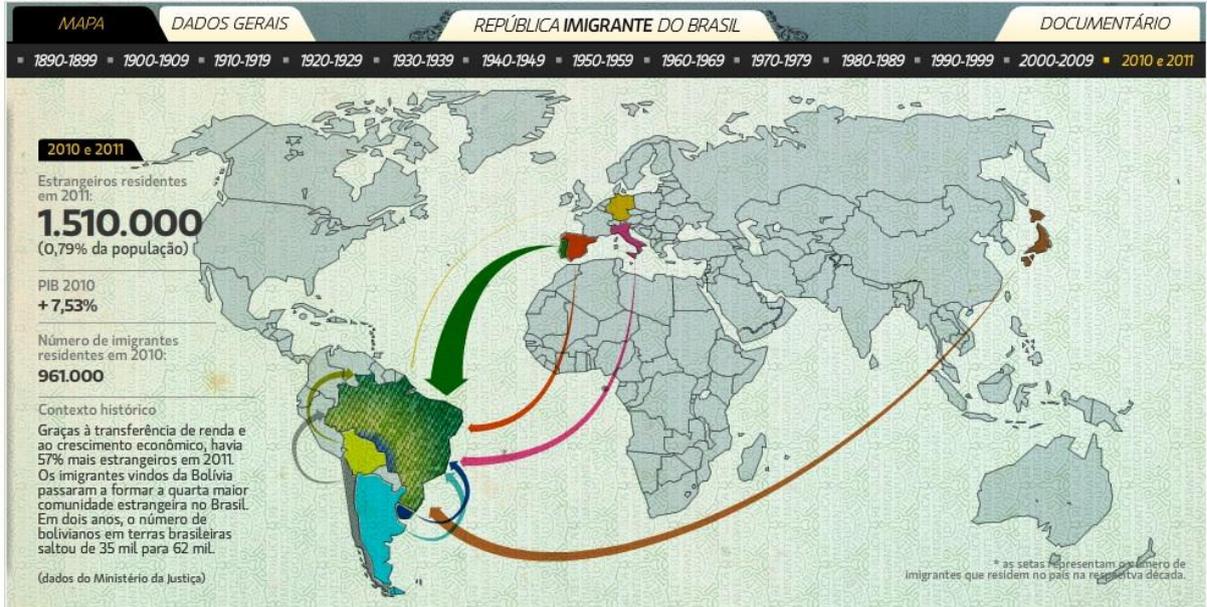
## ANEXO II

Infográfico

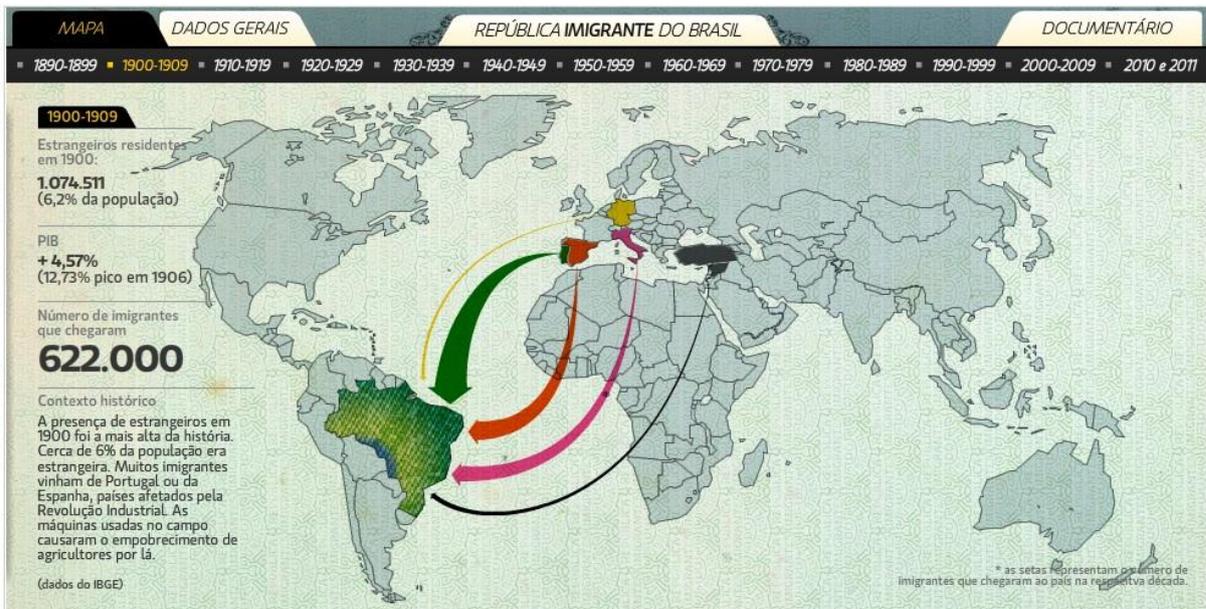
### República Imigrante do Brasil

Entre 2010 e 2011, quase 600 mil pessoas vieram morar no Brasil. Nunca tivemos tantos imigrantes por aqui desde 1890. Veja agora um panorama da imigração no país década a década. Conheça histórias de estrangeiros que escolheram chamar o Brasil de lar.

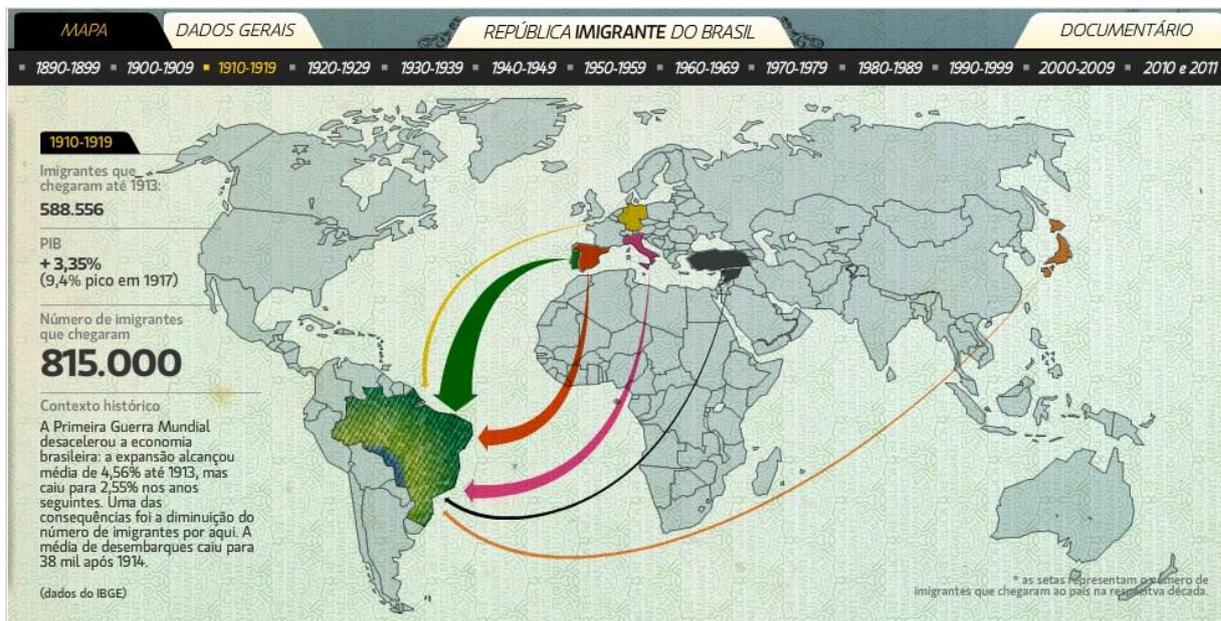
Edição: Frederico Di Giacomo, Karin Hueck Reportagem e texto: Otavio Cohen, Itamar Cardin Edição de arte: Daniel Apolinario Design: Juliana Moreira e Rafael Quick Ilustração: Diogo Blanco, Daniel Apolinario e Fabricio Lopes Vídeo: Fabio Nascimento Desenvolvimento: Cheny Schmeling



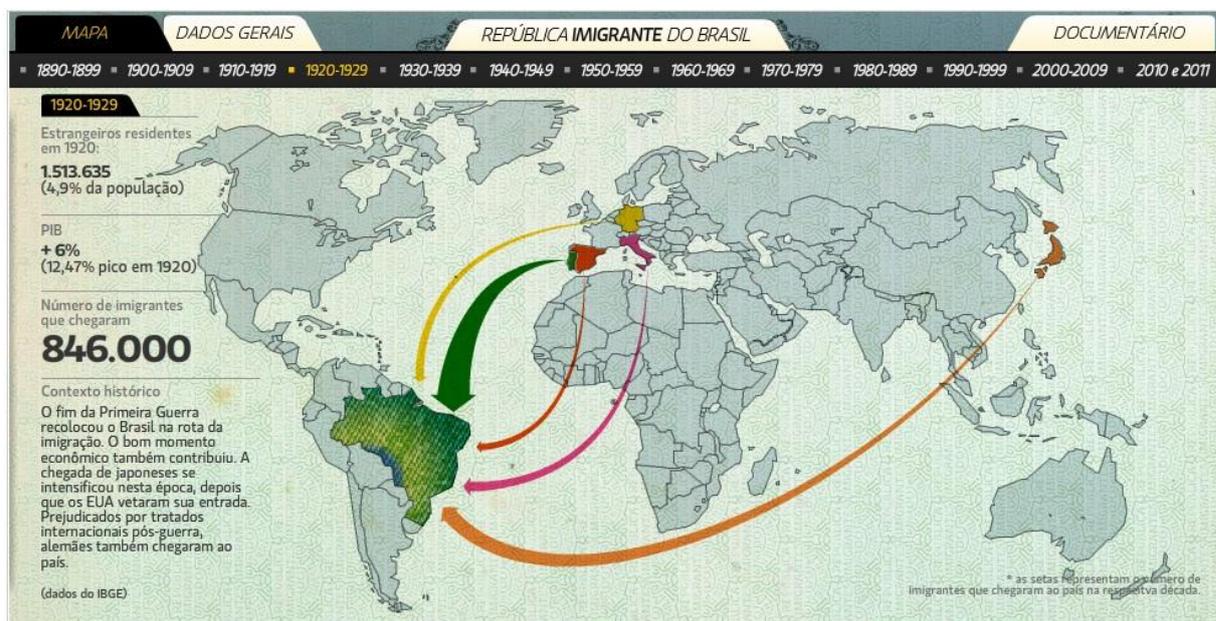
## ANEXO III



## ANEXO IV



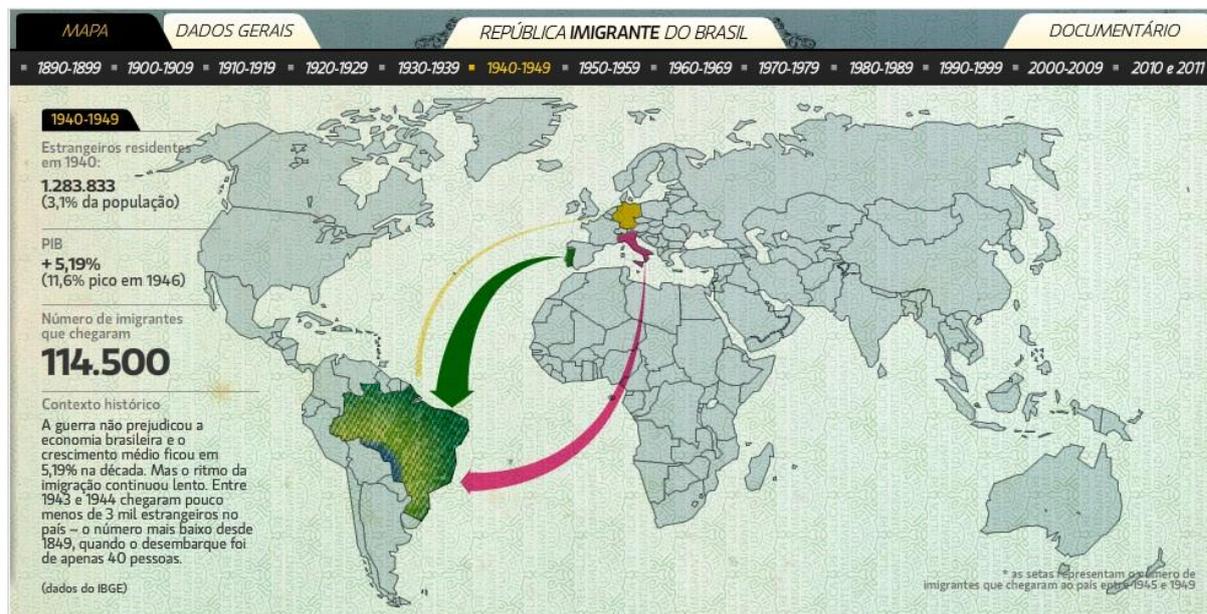
## ANEXO V



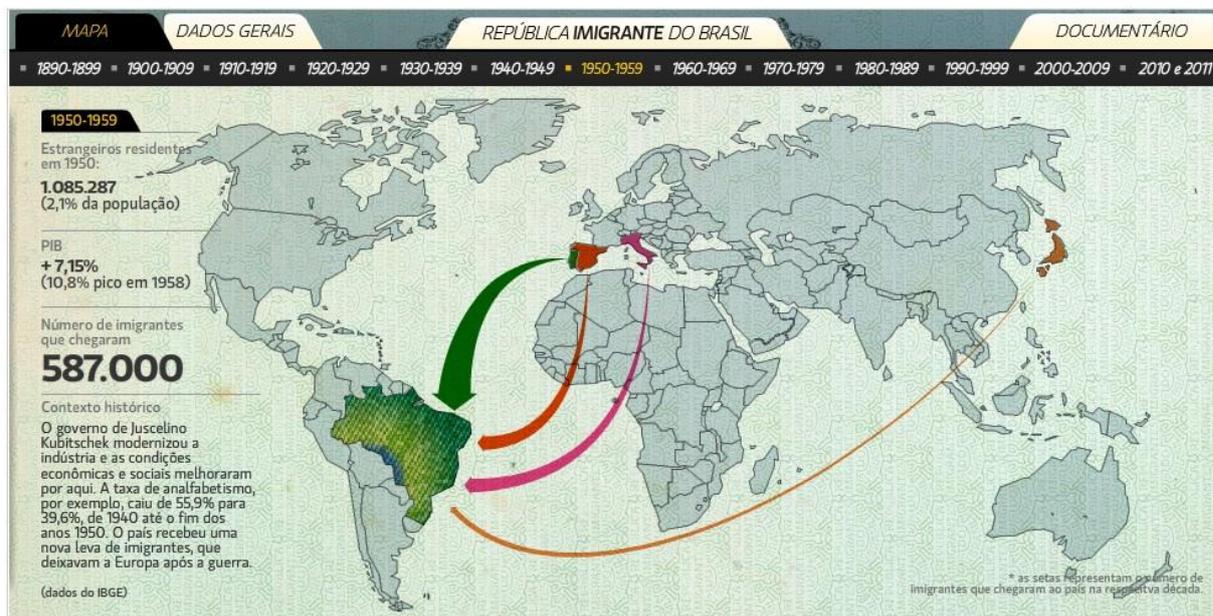
## ANEXO VI



## ANEXO VII



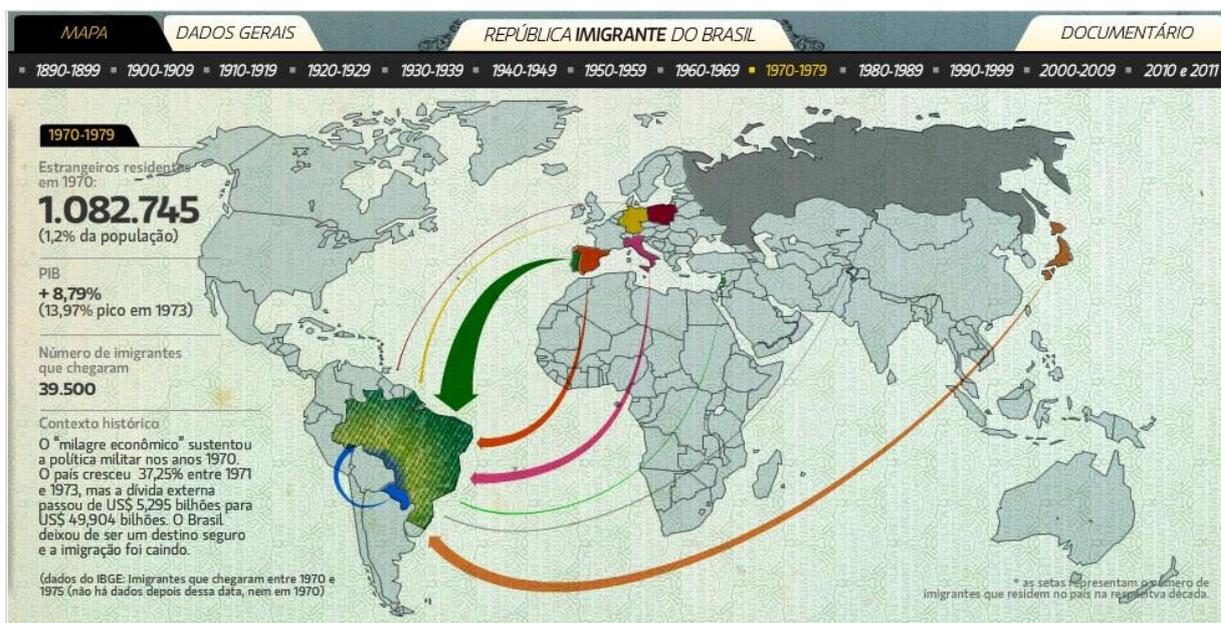
## ANEXO VIII



## ANEXO IX



## ANEXO X



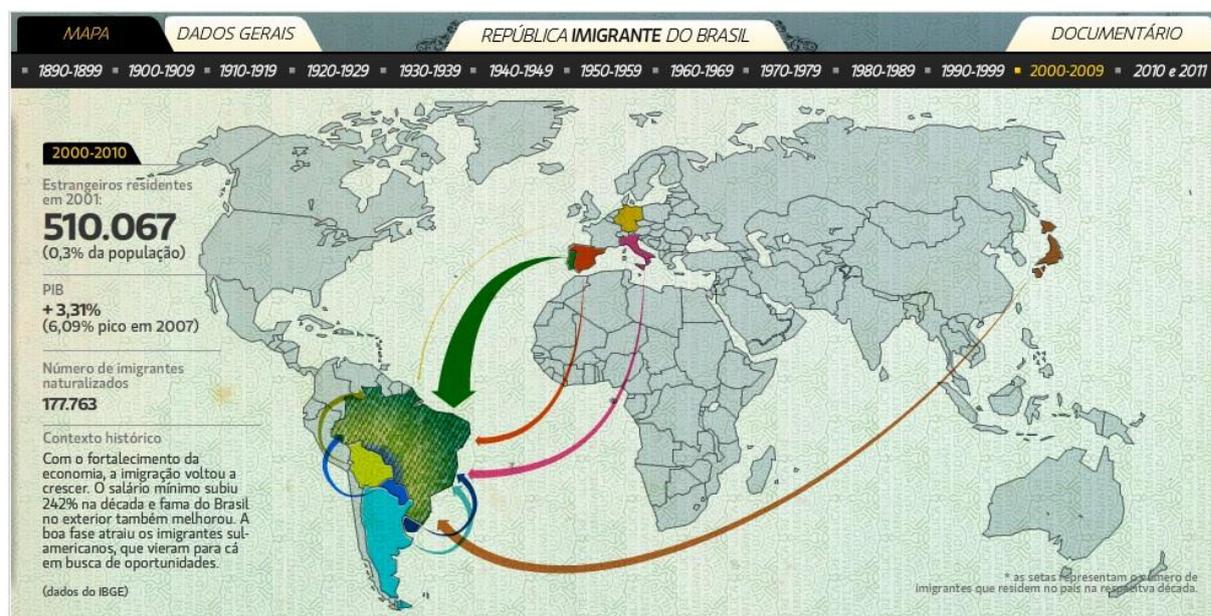
## ANEXO XI



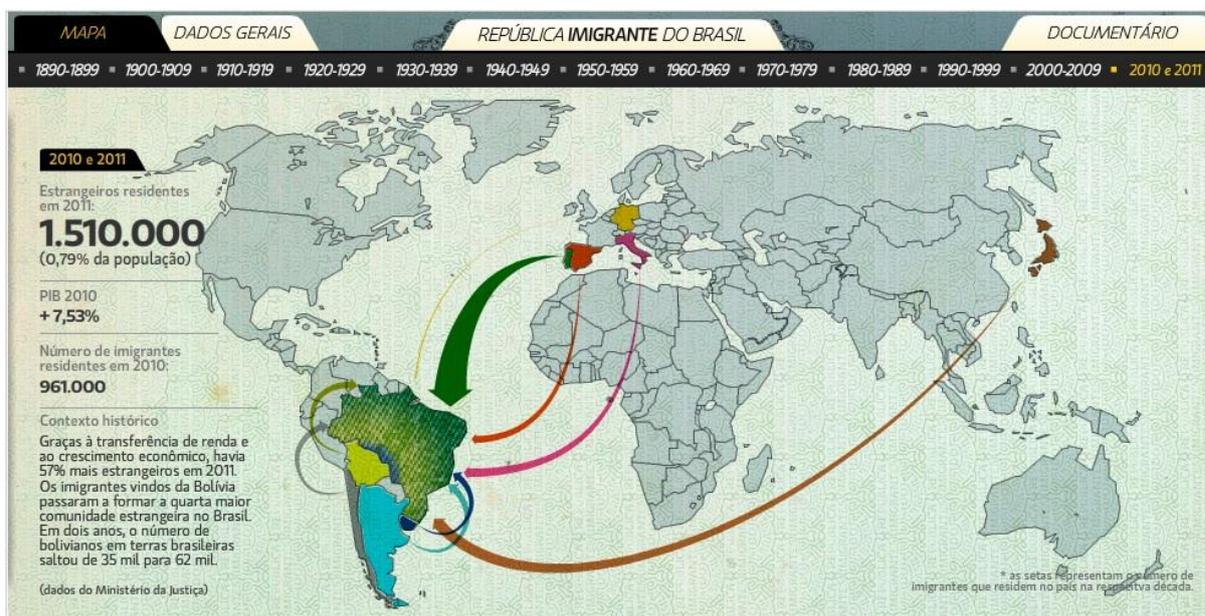
## ANEXO XII



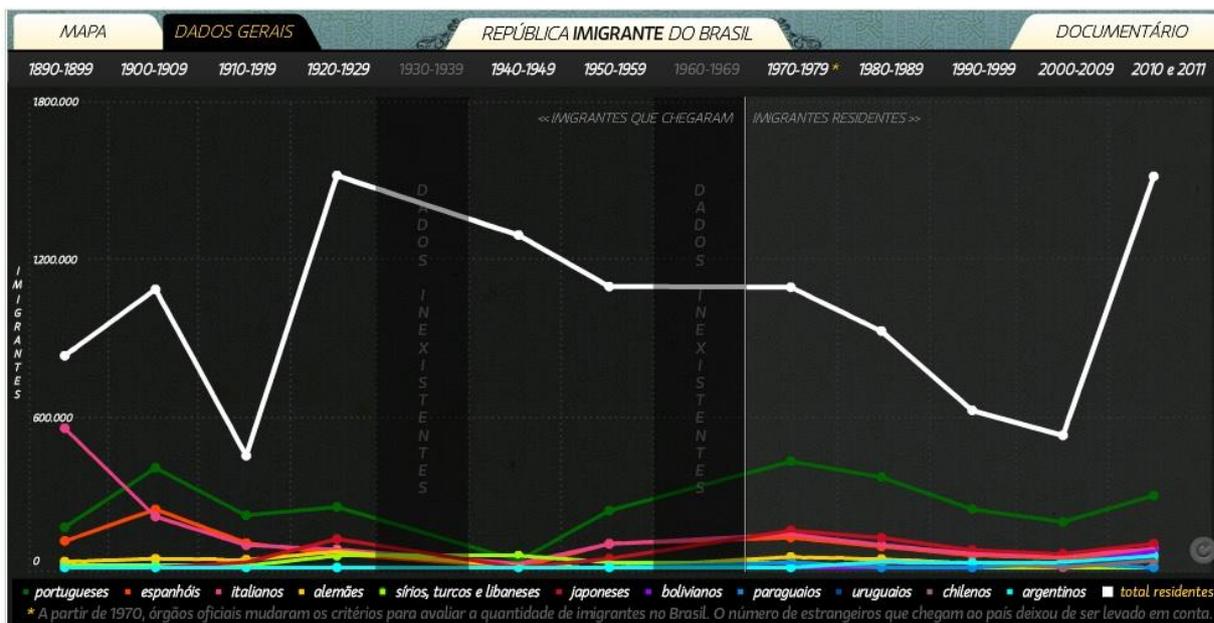
## ANEXO XIII



## ANEXO XIV



## ANEXO XV



## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Lucy. *Brasil na mira dos estrangeiros*. Tribuna da Bahia, 2011. Disponível em <<http://www.tribunadabahia.com.br/news.php?idAtual=98929>>. Acessado em 13 mai. 2012.

CALLEGARI, Lucas; CINTRA, Luiz Antônio. *Liberdade de ir e vir*. Carta Capital, nº 681, 25 de janeiro de 2012 (pp. 24-29).

CAPUTO, Stela Guedes. *Sobre entrevistas: teoria, prática, e experiências*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARTER, Ben. *What is the world's favourite holiday destination?*. BBC News, 2013. Disponível em <<http://www.bbc.co.uk/news/magazine-23433149>>. Acessado em 30 nov. 2013.

COIMBRA, Osvaldo. *O texto da reportagem impressa. Um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática, 1993.

COSSON, Rildo. *Romance-Reportagem: o Gênero*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FELLET, João. *Brasil se torna destino de novos imigrantes*. BBC Brasil, 26 de janeiro de 2012. Disponível em <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/01/120126\\_refugiados\\_brasil\\_afegao\\_jf.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/01/120126_refugiados_brasil_afegao_jf.shtml)> Acessado em 24 fev. 2012.

FARO, José Salvador. *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Editora da Ulbra, 1999.

FERREIRA Jr., Carlos Antonio Rogé. *Literatura e jornalismo, práticas políticas: discursos e contradiscursos, o Novo Jornalismo, o romance-reportagem e o livro-reportagem*. São Paulo: Edusp, 2003.

HERSEY, John. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- KOTSCHO, Ricardo. *A Prática da Reportagem*. São Paulo: Ática, 1989.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *O que é livro-reportagem?*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1990.
- MELO, José Márquez de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2008.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- SOLANKI, Davidson. *Estudo bíblico: Migração*. 2009. Disponível em <<http://tilz.tearfund.org/Portugues/Passo+a+Passo+71-80/Passo+a+Passo+78/Estudo+Biblico+78.htm>>. Acessado em 15 abr. 2012.
- SALLES, João Moreira. *A alegria são 61 telefonemas*. Revista Piauí, nº 17. Rio de Janeiro: Alvinegra, 2008.
- SALLES, João Moreira. *O Andarilho*. Revista Piauí, nº 11. Rio de Janeiro: Alvinegra, 2007.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- TALESE, Gay. *Fama e Anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- VILAS BOAS, Sergio. *Ele não gosta de fazer “isso que estamos fazendo”*. Ocas, nº 65, 2009

VILAS BOAS, Sérgio. *Perfis: e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.

VINCENTI, Marcel. *Número de turistas estrangeiros no Brasil bate recorde*. Uol Viagem, 5 de dezembro de 2013. Disponível em <<http://viagem.uol.com.br/noticias/2013/12/05/numero-de-turistas-estrangeiros-no-brasil-bate-recorde.htm>> Acessado em 15 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. *Começa hoje no RJ seminário sobre nova política migratória*. Ministério da Justiça.

Disponível em

<<http://portal.mj.gov.br/estrangeiros/data/Pages/MJA5F550A5ITEMID807AD8151408468FBE E9326EB099C288PTBRNN.htm>>. Acessado em 30 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. *Os estrangeiros e o Brasil*. Repórter Justiça, 2 de julho de 2010. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=3-7FLVQcRsg&feature=endscreen&NR=1>>. Acessado em 17 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. *Perfil Migratório do Brasil 2009*. Ministério do Trabalho e Emprego, Comissão Nacional de População, Desenvolvimento (CNPD) e pela Organização Internacional para as migrações. Disponível em (OIM) <<http://portal.mte.gov.br/cni/cnig-lanca-livro-perfil-migratorio-do-brasil.htm>>. Acessado em 13 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores. <<http://www.youtube.com/user/MREBRASIL>> Acessado em 10 jun. 2012.

\_\_\_\_\_. *Anuário Estatístico 2013 - Ano Base 2012*. Ministério do Turismo, 2013. <[http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/d%20efault/dadosefatos/anuario/downloads\\_anuario/Anuario%20\\_Estatistico\\_de\\_Turismo\\_-\\_2013\\_-\\_Ano\\_base\\_2012\\_-\\_%20\\_Versao\\_dez.pdf](http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/d%20efault/dadosefatos/anuario/downloads_anuario/Anuario%20_Estatistico_de_Turismo_-_2013_-_Ano_base_2012_-_%20_Versao_dez.pdf)> Acessado em 10 dez. 2013.